Histórias das mulheres tecidas nas ruas: impressões de uma flâneuse[1] em uma manifestação feminista em Paris (2022)

Women's stories woven in the streets: impressions of a flâneuse at a feminist demonstration in Paris (2022)

Raquel Barros
http://lattes.cnpq.br/2135996703834693
https://orcid.org/0000-0003-2042-7223
raquelbarrospm@gmail.com

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1. Flâneuse é uma palavra em francês que significa caminhante, observadora. Origina-se da palavra flâner, que seria andar sem rumo, perambular.

Resumo: Este artigo conta minha experiência ao participar da manifestação feminista que ocorreu em Paris no dia 19 de novembro de 2022, relacionada ao dia de combate à violência contra as mulheres. Ao flanar por entre uma onda violeta, fui capturada por imagens de mulheres empunhando cartazes com dizeres que traduziam suas dores, indignações e violências sofridas. Busco, por meio das imagens que apresento, trazer um pouco da força e potência da luta dessas e de tantas outras mulheres.

Palavras-chave: manifestação, feminismo, mulheres

Abstract: *This article tells about my experience participating in the feminist demonstration that took place in Paris on November 19, 2022, related to the day of combat against violence against women. As I floated through a violet wave I was captured by images of women holding placards with words that translated their pain, indignation and violence suffered. Through the images that I present, I seek to bring some of the strength and power of the struggle of these and many other women.*

Keywords*: demonstration, feminism, women*

O movimento feminista reúne, ao longo de sua história, importantes pautas em prol da equidade de gênero, das diversidades e da garantia de direitos, tais como o combate à violência contra as mulheres, a igualdade salarial, a participação das mulheres na política, os direitos sexuais e reprodutivos, entre tantas outras. É nas manifestações onde as agendas feministas ganham palco, deixam as discussões do âmbito privado e conquistam as ruas (Tartakowsky, 2006; Mariot, 2006).

A França é um país reconhecido pelas manifestações que fazem história ao longo dos séculos. Desde a Revolução Francesa, passando pela Comuna de Paris e pelo maio de 68, encontramos nos livros de história imagens icônicas que retratam a presença da população em protesto pelas ruas. É na rua onde se faz política e, consequentemente, constroem-se as histórias.

Pesquisadoras/es têm refletido sobre os efeitos das manifestações não apenas no que tange ao contexto político, coletivo e social, mas também ao próprio sujeito que a vivencia. Mariot (2006), por exemplo, discute a relação entre o estabelecimento dos laços sociais e as emoções compartilhadas pelos manifestantes. Para tanto, ele utiliza a expressão francesa “frisson dans le dos”, que, em tradução direta, seria “frio nas costas/na espinha”, mas que pelo significado dado pelo autor, parece se assemelhar mais com a expressão “frio na barriga”, no sentido de um elã, uma emoção vivida durante um evento esperado: “(...) os participantes experimentam as mesmas coisas juntos; desta comunidade de sentimentos surge a união das consciências.” (Mariot, 2006, p.98, tradução nossa).

Também analisando essa relação entre o individual e o coletivo suscitada pelas manifestações, Tartakowsky (2006) traz que

> (...) a manifestação de rua é sempre, mais ou menos, uma circulação da História na memória coletiva e um meio de transmissão. Ela permite que a história feita em uma manifestação seja inscrita na memória viva e, ao indivíduo, que se mescle, por um breve momento, em um todo que vai além e o transcende sem nenhum dano ao indivíduo, que, ao contrário, é subitamente ampliado e se torna um sujeito consciente da história. (Tartakowsky, 2006, p.28, tradução nossa).

Ao caminhar por uma manifestação é possível sentir o “frisson dans le dos”, a emoção a flor da pele em cada palavra de ordem, em cada canção entoada a milhares de vozes. Pude viver essa emoção, esse “frio na barriga” ao participar da manifestação feminista do dia 19 de novembro de 2022 — pelo dia de combate à violência contra as mulheres[2] –, nas ruas de Paris. O ponto de encontro era a Place de la Republique, cenário emblemático: palco de grandes manifestações populares promovidas, especialmente, por organizações de esquerda e em defesa de valores democráticos.

2. O “Dia internacional de combate à violência contra as mulheres”, celebrado em 25 de novembro, foi instaurado pela ONU em 1999.

A princípio, minha intenção não era capturar imagens, mas simplesmente participar, um pouco como uma feminista manifestante, um pouco como uma estrangeira curiosa. Porém, as imagens me capturaram, e quando me dei conta, meus olhos flutuavam em meio a milhares de mulheres com seus cartazes, suas faixas, suas maquiagens, e o celular não saía de minhas mãos enquanto eu "flanava" por aquela onda violeta.

O sociólogo-historiador Gilberto Freyre, que na década de 1930 voltou-se à investigação de pinturas e fotografias como evidências históricas, afirmou que trabalhar com imagens seria uma "tentativa de surpreender a vida em movimento" (FREYRE, 1990, p. 63). Pensando acerca desta relação entre imagem e movimento, imagem e vida, é interessante citar uma passagem de Manguel que, de uma maneira até mesmo poética, retrata a importância das imagens na constituição e no reavivar da memória:

> (...) a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. (MANGUEL, 2008, p. 21).

Ao revisitar os registros que fiz da manifestação tenho exatamente essa sensação: um rolo de imagens onde, cada uma delas, conta um pouco da história daquele dia, das lutas históricas das mulheres, da luta pessoal de cada uma delas. Fazendo-me, assim, lembrar que o pessoal é político, tal como a segunda onda do movimento feminista nos ensinou.

Quando se fala de feminismo não se pode esquecer que ele não é uno, mas sim plural. Ao ressaltar seu caráter polissêmico, Hawkesworth (2006) afirma que "o feminismo tem sido concebido de maneira muito ampla, como uma ideia, um conjunto de convicções, uma ideologia, um movimento social, e uma práxis." (p. 746). Assim, ao falar de "feminismos", ou "movimento feminista", faz-se referência a uma multiplicidade de posições e entendimentos sobre esses conceitos.

O movimento feminista é, portanto, de um lugar político, de modo que "vozes marcadas por diferenças geográficas, sexuais, étnicas, raciais, religiosas, geracionais, convivem, dialogam, disputam e se intersectam, acentuando-se reciprocamente, em variações que muitas vezes nos escapam". (SCHMIDT, 2004 p. 17). Nesse sentido, este movimento é atravessado por uma pluralidade de sujeitos e perspectivas, que vão marcar a sua história de transformações, avanços e contradições. (PINTO, 2003).

Ainda que não seja possível falar de uma mulher universal, nem mesmo de um único feminismo — consciente do campo de disputas que envolve este movimento -, no momento da manifestação as mulheres pareciam comungar de uma mesma intenção: lutar contra as violências das quais todas nós somos vítimas. Seja jovem, idosa, negra, branca, cis, trans, "militante de carteirinha", estreante em manifestações ou apenas simpatizante. Estavam — estávamos — todas reunidas, tomando conta das ruas de Paris, a uma só voz e ao mesmo tempo a um coro de vozes, quase como um momento de catarse, exorcizando dores, injustiças, desigualdades, violências.

Ao falar sobre os relatos de militantes a respeito de suas memórias relativas a manifestações das quais já participaram, Tartakowsky (2006) diz que

> É como se as manifestações, algumas mais do que outras, de repente permitissem a muitas pessoas reviver uma vida, sua própria vida, entrelaçada com uma história que se tornou História, conferindo, assim, à manifestação um valor existencial que alimenta a emoção sentida. (TARTAKOWSKY, 2006, p.27, tradução nossa).

Sim, aquele momento fez história. Não apenas no sentido da história do movimento feminista francês, da história de luta das mulheres contra a violência. Ele fez parte da história de cada uma das mais de 800 mil pessoas reunidas naquela manifestação. Suscitando os mais diversos sentimentos, construindo as mais diversas memórias. Sentimentos que, para mim, são revividos cada vez que me pego olhando os registros daquele dia no meu rolo de fotos do celular. Ao revisitar cada uma dessas fotos, assim como afirma Manguel (....) "ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias, conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável." (MANGUEL, 2008, p. 27).

Cada uma das imagens capturadas serve-me como um "lugar de memória" (NORA, 1993). Cada um dos rostos, sorrisos, cartazes representados nas fotografias me faz lembrar das nossas diferenças, mas também das nossas semelhanças, das nossas lutas — e da pluralidade dessas lutas -, da nossa potência, da importância da sororidade.

Em meio a uma história marcada por silêncios — tal como é a história das mulheres (PERROT, 2005) -, registrar uma manifestação feminista é um ato político. É uma forma de deixar marcas na história, através da captura de emoções, olhares, pautas e injustiças traduzidas em cada um dos cartazes empunhados pelas participantes da marcha.

São registos enxarcados de subjetividade. São registros nos quais compartilho meu olhar de mulher cis, heterossexual, branca, camadas médias e brasileira. Uma estrangeira flanando por terras tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão semelhantes. Flanando e registrando. Colocando um pouco de mim em cada um dos registros. Encontrando um pouco de nós em cada fotografia.

Referências

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

HAWKESWORTH, Mary. A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista. Estudos Feministas n.14, v.3, p. 737–763, 2006. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300010

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARIOT, Nicolas. Le frisson fait-il la manifestation? Pouvoirs, n.116, v.1, p. 97–109, 2006. https://doi.org/10.3917/pouv.116.0097

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história n.10, p.7–29. São Paulo, 1993.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru: EDUSC, 2005.

PINTO, Céli R. J. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

SCHMIDT, Simone. Como e por que somos feministas. Revista Estudos Feministas, n.12, p.17–22, 2004. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300002

TARTAKOWSKY, Danielle. Quand la rue fait l'histoire. Pouvoirs, n.116, v.1, p. 19–29, 2006. https://doi.org/10.3917/pouv.116.0019

LE CONSENTEMENT
ÇA S'APPREND
nous toutes
cgt

0,6%
des violeurs
condamnés

je te crois
Tu n'es pas seule
0,1% DU PIB
ENSEMBLE

80% des
violences sexuelles
sont des violences
intrafamiliales
PROTÉGER
L'ENFANT
Source : Ministère de l'Intérieur

FEMINISM

JE VEUX VOIR LE
PATRIARCA-
PITALISME
BRÛLER

RIPOSTE
FÉMINISTE

Croire les
victimes
sauve
des vies
#JETECROIS
nous
toutes
non-protégés

ON NOUS A CHASSÉES COMME
DES SORCIÈRES
ON NOUS A VIOLÉES DANS
TOUTES LES GUERRES
@louisadonna
#CLITOWITCH

PATRIAR
CACA

ON NE NAIT PAS FEMME MAIS ON EN MEURT !
Croire les victimes sauve des vies
#JETECROIS

CÉDER N'EST PAS CONSENTIR

SI TU
QU'ON N
PLUS RIEN
C'EST QU'I
DE FERME
TA GU